

Chineses esperam, preocupados, a explosão da 'bomba brasileira'

Especialistas dizem que o valor do real é a chave para decidir sobre a desvalorização do yuan

PEPE ESCOBAR

Correspondente

HONG KONG – O Brasil não sai da cabeça da liderança chinesa em Pequim. Desde a desvalorização do real, as reiteraões são diárias: não vamos desvalorizar o yuan. A retórica ficou ainda mais ensurdecadora esta semana – depois que o *China Daily Business Weekly* publicou que, para alguns analistas, uma desvalorização do yuan “não seria um mau negócio” (sic).

O jornal – em inglês – é lido por todo mundo que conta no planeta financeiro e considerado o termômetro do que pensa a liderança em Pequim. Mas o próprio primeiro-ministro Zhu Rongji foi obrigado a intervir e avisar que a opinião do autor do artigo não reflete a visão das autoridades chinesas.

Zhu e seus golden boys estão mais preocupados em monitorar se o real é capaz de estabilizar-se entre 1,7 e 1,8 em relação ao dólar e se as taxas de juros no Brasil caem significativamente.

O impacto da desvalorização do real, portanto, é a chave para se decidir sobre a desvalorização do yuan.

No mínimo dois analistas de peso confirmam essa evolução: o guru de investimentos suíço Marc Faber, em Hong Kong, e Jim Walker, economista-chefe do CLSA Global Emerging Markets. Walker prevê uma desvalorização do yuan de 10%, mas apenas na segunda metade do ano.

A Brazilian bomb – como a definiu uma parte da imprensa – permanece um dos itens privilegiados em todas as conversas em Hong Kong. Não por acaso: os principais candidatos a sofrer um contágio brasileiro são justa-

mente Hong Kong e a Argentina. Mas há quase consenso entre analistas de que o contágio – pelo menos até agora – tem sido muito mais brando, se comparado ao México-95 e à Ásia-97.

Reservas altíssimas – Ao contrário de Hong Kong, a China não precisa ser forçada a desvalorizar sua moeda: o yuan não é totalmente conversível e a China tem reservas de mais de US\$ 145 bilhões – as mais altas do mundo depois do Japão. Mas a gritaria é ensurdecadora por causa de uma série de falências de financeiras chinesas.

Analistas em Hong Kong frisam que a economia chinesa este ano vai enfrentar seríssimas dificuldades – com consumo em baixa, exportações em baixa e bancos atolados de maus empréstimos.

O CLSA diz que o crescimento real do Produto Interno Bruto (PIB) chinês em 98 foi entre 3% e 4% – muito distante dos 7,8% divulgados pelo governo. Para a consultoria Perc, não passou de 6%. Marc Faber frisa que a economia chinesa é muito mais frágil do que se imagina no Ocidente: grande parte dos US\$ 182 bilhões anuais em exportações são subsidiados pelo poder central.

Já o homem do Fundo Monetário Internacional (FMI) na Ásia, Henri Lorre, diz que a dor de cabeça brasileira “não deve ter efeitos de longo prazo na Ásia”.

Ninguém lhe dá muito crédito, mas faz sentido. Comércio e investimentos entre Brasil e Ásia ainda são, em uma perspectiva global, mínimos (o Brasil só tem a perder com isso). Também é fato que os periclitantes bancos japoneses não estão expostos a calotes no Brasil e na América Latina – como bancos norte-america-

nos e europeus.

A desvalorização do real, além disso, pode ajudar a manter o crescimento das exportações da Ásia, porque desacelera a recente alta de baht, won e iene, algo que interferia na competitividade das exportações de Tailândia, Coreia e Japão.

Confusão – Todos prevêem tudo, mas o fato é que reina a mais absoluta confusão. Kiichi Miyazawa, ministro das Finanças japonês, propôs há pouco que as moedas asiáticas sejam ancoradas a

uma cesta de moedas, incluindo o euro. Muita gente na Ásia o apóia, mas, na prática, só consegue discutir um controle mais rígido de taxas de câmbio e uma difícil regulamentação de fundos hedge.

Tanta retórica desperdiçada torna totalmente improvável uma reforma do sistema monetário global antes da próxima cúpula do grupo dos sete países mais ricos, o G-7, em junho.

Hong Kong, enquanto isso, permanece aos sobressaltos. O mercado prevê que, se o real continuar despencando e o currency board da Argentina virar fumaça, a pressão sobre o dólar de Hong Kong será insuportável.

A previsão generalizada é que a âncora termina no início do ano 2000. Consultorias há meses vivem avisando fundos hedge de que o dólar local está hipervalorizado e destinado a uma queda.

Mesmo assim, Hong Kong poderia utilizar sua arma mais letal: dolarizar a economia, como pensam os argentinos, e, assim, puxar o tapete de todos os especuladores.

Para os economistas do Credit Suisse First Boston em Hong Kong, por exemplo, é a melhor tática. Mas há um “leve” problema político: Hong Kong é território chinês. A orgulhosa mãe-terra jamais se permitiria deixar de exercer soberania absoluta sobre todos os aspectos de sua rica e problemática princesa.

DÓLAR DE
HONG KONG
SOFRERÁ GRANDE
PRESSÃO

NEGÓCIOS
ENTRE BRASIL E
CHINA SÃO
MÍNIMOS